

01 MAI - 03 SET EXPOSIÇÃO SALA DO CAPÍTULO MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO

ALMA NAQUE

- DO -

CAMPO NEZ

(1918)
2017

100
ANOS



FICHA TÉCNICA

EXPOSIÇÃO

Produção	Museu de Angra do Heroísmo/ 2017
Coordenação geral	Jorge A. Paulus Bruno
Seleção de peças, textos e projeto museográfico	Francisco Maduro-Dias
Imagens	Paulo Lobão Luis Borges Francisco Maduro-Dias
Conservação e restauro de peças	Denatilde Silva Mafalda Melo Paulo Melo
Apóio de inventariação	Magda Peres Odilia Silva
Atividades de dinamização	Ana Lúcia Almeida
Execução e montagem	Augusto Vilaca Carmelo Amarante Eleuterio Pimentel Jorge Oliveira José Eduardo Silva Iná Gonçalves Mafalda Melo Magda Peres Paulo Melo

Ondina

Outubro

1984

Badana:

contracapa do Almanaque

do Camponez para 1962.

FICHA TÉCNICA

CATÁLOGO

Produção

Museu de Angra do Heroísmo/ 2017

Coordenação geral

Jorge A. Paulus Bruno

Seleção de peças e textos

Francisco Maduro-Dias

Imagens

Paulo Lobão
Luis Borges
Francisco Maduro-Dias

Design e execução gráfica

Bizex Projetos/ Angelina Calheiro

ISBN

978-972-647-340-4

Depósito legal

425260/17

Tiragem

300 exemplares

Capa:

Tabuleiro de tipografia com

páginas de composição do

Almanaque do Camponez para 1984.

Contracapa:

contracapa do

Almanaque do Camponez para 1951.

Badana:

contracapa do Almanaque

do Camponez para 1962.

**ALMA
NAQUE**

— DO —

**CAMPO
NEZ**

(¹⁹¹⁸
₂₀₁₇)

**100
ANOS**

**O 1 MAI : O 3 SET
EXPOSIÇÃO
SALA DO CAPÍTULO
MUSEU DE ANGRA
DO HEROÍSMO**

Tipografia e Livraria Andrade,
Rua Direita, Angra do Heroísmo.
À direita está Manuel Joaquim de Andrade
fundador e à esquerda Elvino Andrade,
segundo coordenador do Almanaque.
Primeira metade do século XX.
Col. Particular

02

TIPOGRAFIA E LIVRARIA ANDRADE



ALMANAQUE — DO — CAMPONEZ

100 ANOS —
1914 — 2014

Luis Filipe Andrade, quarto coordenador do Almanaque.
Inícios do século XXI.
Col. Particular

Luis Lester Andrade, terceiro coordenador do Almanaque.
Mundos do século XX.
Col. Particular

03

A centésima edição do *Almanaque do Camonez* é o verdadeiro motivo para que o Museu de Angra do Heroísmo evoque a dedicação e o empenho com que, ao longo de cem anos, quatro gerações de terceirenses asseguraram a feitura e edição desta que é, notavelmente, a publicação mais popular e duradoura que alguma vez foi dada à estampa no Arquipélago dos Açores.

Se o aparecimento da imprensa está na origem dos primeiros almanaques, em Portugal a 1ª República está indubitavelmente relacionada com o incremento deste género de publicações, no contexto de uma dinâmica mais vasta, que se caracteriza pela profusão de obras resultantes de uma firme vontade de divulgação das novas ideias que marcaram o primeiro decénio do século XX português e de as fazer chegar a um maior número de cidadãos.

A ilha Terceira não foi exceção a esta regra, conforme este Museu já teve a oportunidade de documentar na exposição "A Imprensa Terceirense na 1ª República", que apresentou ao público entre outubro de 2010 e maio de 2011.

Desta feita, o tema é o *Almanaque do Camonez*, cujo primeiro ano de publicação data de 1918. Porém, a abordagem a esta obra não pode ser dissociada da importante ação protagonizada pela Tipografia e Livraria Editora Andrade, responsável por inúmeros títulos que, durante a primeira metade do século passado, fizeram com que este estabelecimento fosse a principal e mais ativa casa editorial açoriana, da qual este Museu guarda no seu espólio, com muito orgulho, alguns exemplares dos seus equipamentos.

Aos seus responsáveis e àqueles que não tendo perpetuado a sua ação tipográfica e livreira, mas que mantiveram, todavia, esta publicação ininterrupta, o Museu de Angra do Heroísmo presta-lhes merecida homenagem através da exposição que este catálogo documenta.

Jorge A. Paulus Bruno
Diretor do Museu de Angra do Heroísmo



ALMANAQUE
— DO —
CAMPONEZ

REPERTÓRIO CRÍTICO, CÓMICO E PROGNÓSTICO

PARA 1918

(PRIMEIRO ANO DE PUBLICAÇÃO)

TIRAGEM 3.000 EXEMPLARES

Como é belo vér na terra,
O pachorrento boi levrandó,
E a traz dêle o lavrador
Alegremente cantando;



No campo que o boi lavrou,
Mais alegre cantará
Quando as douradas espigas
Satisfeito colherá.

PROPRIEDADE DE MANUEL JOAQUIM DE ANDRADE
COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA DA «LIVRARIA EDITORA ANDRADE».
Rua Lisboa - 109, 111 e 113 - Angra do Heroísmo
Terceira - Açores

FALANDO DE ALMANAQUES

Um almanaque é uma publicação periódica, essencialmente anual, que inclui um calendário e informações variadas, de tipo genérico ou mais dirigidas para algum ramo de atividade em particular, indo desde os vocacionados para a agricultura até aos orientados para o apoio à função militar, com indicação de datas comemorativas e festividades, signos do zodíaco e previsões astronómicas e ou astrológicas, eclipses e solstícios, estações do ano e previsões sobre o estado do tempo. Habitualmente inclui, também, adivinhas, anedotas, rimas e páginas de informação mais cuidada, dependendo a sua abundância do formato e do número de páginas.

Não se sabe exatamente quando surgiram os primeiros almanaque, existindo calendários bastante antigos, no Egito dos faraós, onde a divisão do tempo segundo fenômenos observáveis é já apresentada.

É comum entender-se que a sua origem árabe/mediterrânea é a mais certa (do árabe *al-manākh*), embora outros preferam considerar que provém do latim *Manachus* (*circulus*), do baixo latim *almanachus*, ou do baixo grego *alamanaxon*, até porque calendário, em árabe, é *taqwim*. Enfim, o certo é que, desde sempre, foi solicitado ao almanaque uma certa capacidade de previsão – adivinhação – do tempo meteorológico fosse em apoio da agricultura, do comércio ou da indústria, baseada na análise dos astros e em raciocínios astrológicos.

A presença, característica nas suas páginas, de variadas informações dessa indole, bem como o modo como se procura adivinhar o futuro, nem sempre foi atitude bem vista pela igreja católica, daí quase todos apresentarem um "Juiz do Ano", onde o modo algo jocoso e a declaração final *Deus Super Omnia* (Deus sobre todas as coisas) garantia que os responsáveis e editores não seriam incomodados, atitude e hábito que se manteve mesmo depois de o Ocidente entrar, durante o século XIX, em tempos bem mais libertos.

A própria designação almanaque demorou a impor-se, coexistindo, até ao século XX, outras designações alternativas em uso como reportório, folhinha, lunário, prognóstico, sarrabal ou diário.

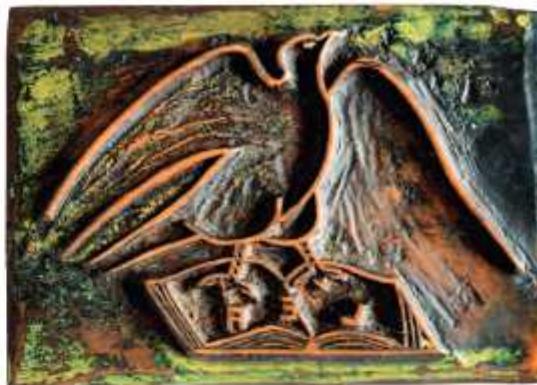
Almanaque não impressos existiram na Europa medieval, sobretudo da responsabilidade de árabes e judeus conversos. O primeiro almanaque impresso em Portugal é o incunáculo *Almanach Perpetuum* impresso em Leiria, em 25 de fevereiro de 1496, e preparado pelo astrónomo sefarita Abraão Zacuto, nascido em Salamanca e falecido em Damasco, que trabalhou para D. João II. Nele figuram mais de trezentas páginas de tábuas astronómicas mostrando, claramente, um dos aspectos mais relevantes deste tipo de publicações.

Alguns almanaque tornaram-se célebres, como o *Poor Richard's Almanac* (Almanaque do Bom Homem Ricardo) de Benjamin Franklin, editado em Filadélfia, na Nova Inglaterra, a partir de 1732, ou o *Enkuizer Almanak*, editado nos Países Baixos desde 1595 e ainda ativo.



**Boletim de Registo
do Trabalho Nacional,
atividade de tipografia
e do pagamento de
emolumentos anuais.**
Angra do Heroísmo, 1955.
Col. Particular

**Logotipo da Livraria
Editora Andrade.
Gravura em madeira.
Grav. José Vieira
da Costa (?).
Des. Maduro Dias.
C. 1935.
MAHR.2017.1055**



**Carimbo da Loja "António do
Grandal", capa do Almanaque
do Camponez, 1951.**
MAH.BL-ACOR-01151

Durante o século XIX são vários os almaniques, publicados em vários países do mundo, que evoluem em dois sentidos diferentes. Uns, ditos de cordel porque eram pendurados num fio pelos vendedores, eram de baixo custo e de poucas páginas, outros, em formato um pouco maior, podiam ir até às centenas de páginas, como o famoso Almanaque Bertrand, editado pela centenária livraria.

O primeiro almanaque impresso nos Açores foi a *Folhinha da Terceira*, composto no famoso prelo de madeira trazido de Londres pelos emigrados liberais e editado em Angra de 1830 a 1832.

Entre todo este movimento percebe-se que a Livraria Editora Andrade – inicialmente Sousa e Andrade Lda –, na Rua Direita n°s 111 a 113, procurou e conseguiu situar-se como editora de prestígio, colocando no mercado pelo menos três almaniques: o *Almanach Açores*, o *Almanaque dos Namorados* e o *Almanaque do Camponez*, de longe o de maior longevidade e que ultrapassou o encerramento da própria Tipografia Andrade, em 1984.

São quatro os responsáveis por se manter vivo um dos mais antigos almaniques portugueses:

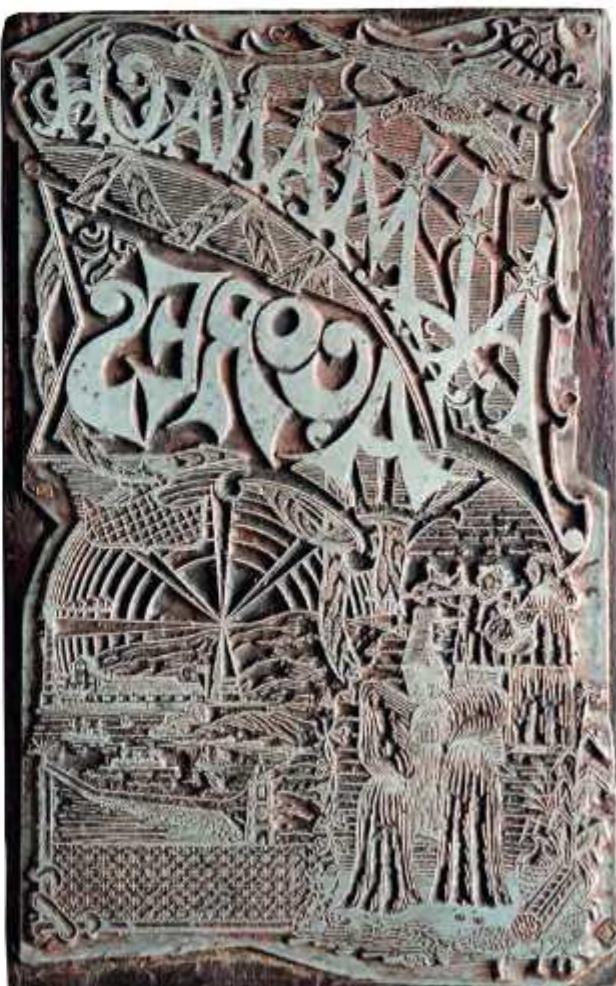
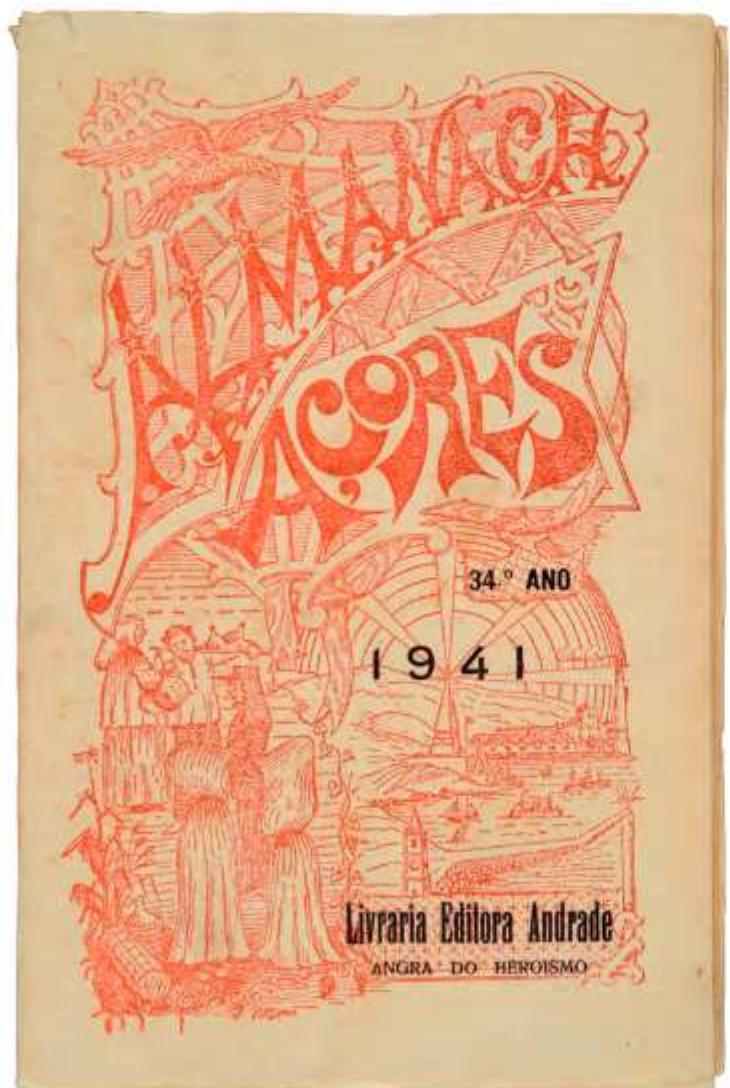
- Manuel Joaquim de Andrade, nascido na freguesia da Sé de Angra em 1879 e falecido, também na Sé, em 1961, fundador e primeiro coordenador.
- Elvino Lounet de Andrade, nascido na freguesia da Sé de Angra em 1901 e falecido, também na Sé, em 1987.
- Luis Lester Fagundes de Andrade, nascido na freguesia da Sé de Angra em 1928 e falecido, também na Sé, em 2000.
- Luis Filipe de Matos Andrade, nascido na freguesia da Sé de Angra em 1959 e atual coordenador do velhinho *Camponez*.

Alguns traços das personalidades dos coordenadores ficaram guardadas, também, nas páginas daquele que se proclama “O Almanaque mais lido nos Açores, Madeira, Américas e Canadá”. Percebe-se o gosto do fundador pelo humor e pelas quadras de gosto popular, espalhadas ao longo de cada edição, quase escondidas no meio do calendário, notam-se sobretudo as piadas, durante o tempo em que foi Elvino Andrade o responsável. Luis Lester manteve o pendor humorístico, mas o Almanaque parece, no seu todo, mais sério, o atual coordenador manifesta, claramente, o seu gosto pela natureza, meteorologia, património natural e a cultura das gentes dos Açores, em especial da ilha Terceira. Nada mais natural num almanaque que, em 2017, perfez cem anos e se prepara para, em 2018, entrar no seu segundo século de vida.

*Almanach Açores. Capa.
Livraria Editora Andrade.
Angra do Heroísmo. 1941.
MAH.BM-FER-90*

*Gravura para impressão tipográfica.
Madeira e metal. Almanach Açores.
Livraria Editora Andrade.
Angra do Heroísmo.
Primeira metade do séc. XX.
MAHR.2017.1031*

07



ALMA
NAQUE

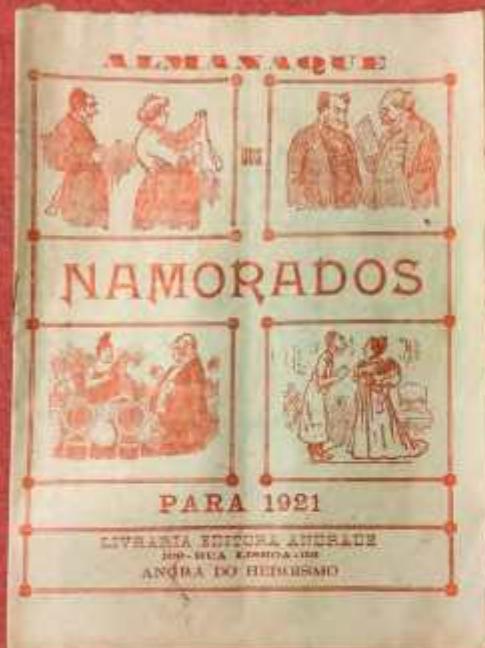
— DO —

CAMPO
NEZ (1918
2017)

100
ANOS

08

Almanaque dos Namorados
para 1921. "Composto e
impresso na tipografia da
'Livraria Editora Andrade'"
Col. Particular



Quadrinhos do povo

Tenho ciúmes do SOL
Quando vem a despontar;
À janela do teu quarto,
Seus raios te vão beijar.

Tenho ciúmes da Lua
Quando a vejo da janela;
Tenho ciúmes dos teus olhos
Quando estão postos nela.

Perdoa-me meu querido bem
Que o meu ciúme é sem razão,
Pois desde há muito que eu sei
Que é só meu, teu coração.

M. C. M.

Almanaque do Camponês, 1984, p. 24

CASA DAS LOUÇAS

A que maior sortido tem de
louças e que mais barato ven-
de. Fábrico de sua conta por
isso que oferece grandes des-
contos para revender.

Rua 16 de Maio, 1880/1894, 100 - BACHARELADO - SANTO DOMINGO

ALMANAQUE 1920 / 1.000 exempl.

DOB

NAMORADOS

CONTÉNUO: valentinha e um boquinha Jardim das rosas e rosas
que cresce no jardim-passeio, correspondência amorosa, fofoca desabafos, etc., etc.



Agende que quiser ficar
No dia das namoradas
Tudo de segredo na caixinha
Deste livro indicado.

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA - LIVRARIA EDITORA ANDRADE
Das Flores - 100 - 110 - 120 - Largo Mariana
Portuguese - Ajuda

Tuas juras de amizade
Já nem disso te recordas.
Um coração como o teu,
E' uma viola sem cordas.

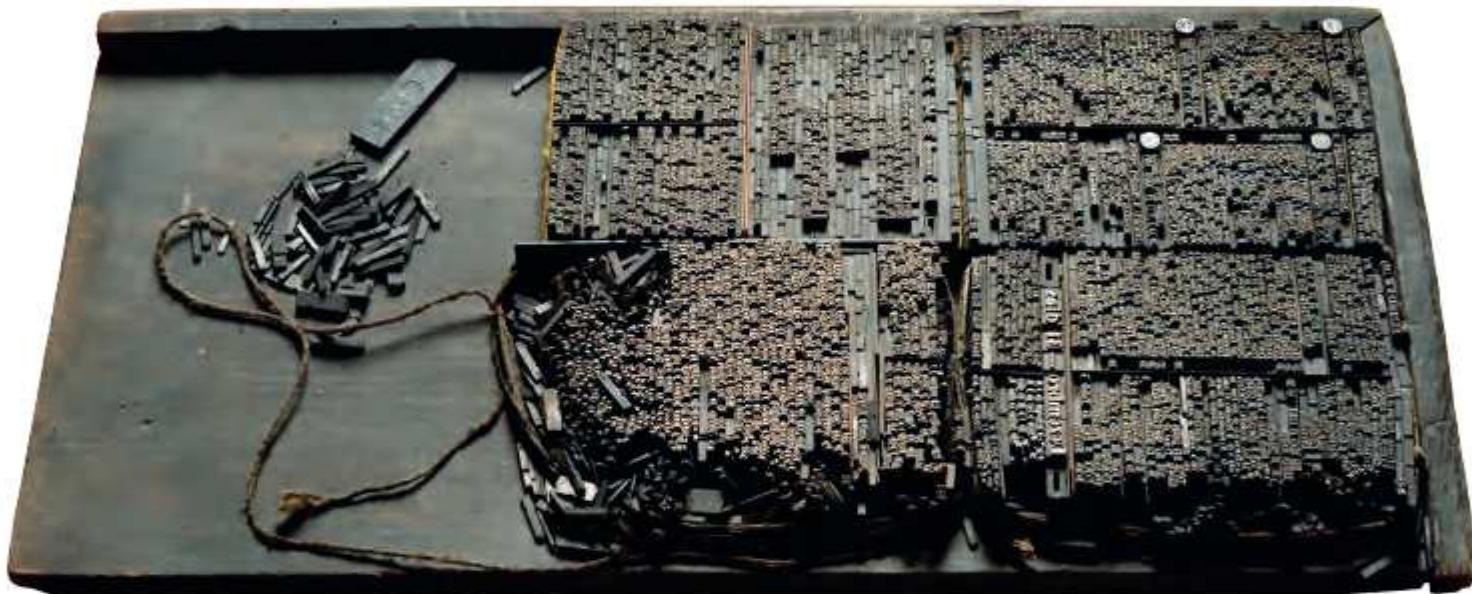
Almanaque do Camponês,
1950, p. 5

Nas covinhas do teu rosto,
Depois a minha alma toda,
Pra depois sentir desgosto,
No dia da tua boda ..

Almanaque do Camponês,
1973, p. 13

Tabuleiro de tipografia
com páginas de composição
do Almanaque do Camponez para 1984.
Madeira e chumbo. Última composição
realizada na Tipografia, antes do seu
encerramento definitivo. O Camponez
passou a ser editado, em off-set,
na tipografia da União Gráfica Angrense.
MAHR20171004

09



PIGRAMA

Luca farto de viver,
Resolvu pôr termo à vida ;
E no peito, enjogo,
Desfechou arma homicida.

Não logrando o seu intento,
Tomou veneno assassino,
Mas a morte fez-lhe figura,
Dizendo : *adeus, ó menino*.

Da bondade do bom Deus
O pobre Luca descreu ! ...
Eis visto encontrar um crêdor,
Deu-lhe uma colsa, e... morreu !

Prevenimos os nossos leitores
que as horas de lua marcadas no
presente almanaque são pela hora
de Lisboa. Para os Açores há uma
diferença de duas horas a meados.
É favor fazerem o desconto.

Caracteres de impressão
especiais do Almanaque do
Camponez. Chumbo e madeira.
Gravura do Juízo do Ano, Iuras,
signos do zodíaco e indicação
de dias santificados (cruzes).
MAH.2017.191

10

Agosto — 31 dias

 A aurora principia às 3 h.
e 36 m. O Sol nasce às 5 h.
e 55 m. De 1 a 31 os dias
diminuem 68 m. São felizes os dias
4, 13 e 17.

De 29 deste mês a 22 de Setembro
domina o signo *Virgem*, um dos melhores
do Zodíaco, e o planeta *Mercurio*,
que têm domínio nas ilhas da Madeira
e S. Miguel. Promovem os ventos do Sul
e influem sobre doenças do estômago,
intestinos e músculos. A 30 termina a
caniçola. Continua as debulhas dos trigo
e semeia trevogó, nabos, cevada e
cebolinho; planta couve tardia. Prepara
o vasilhame com água a ferver e de
pois com água fria, até sair clara; deixa
enxugar e emechar. As vasilhas que
tenham cheiro a vinagre, lavam-se com
carbonato de sódio a dez por cento e
água quente as que têm cheiro a bafio,
lavam-se com ácido sulfúrico a 5 por
cento em água fria, mas cuidado, ao
deitar o ácido na água, para não pro
jectar líquido para os olhos; se o chei
ro a bafio ou a mofo for muito forte, e
preferível desfundar, caíar a vasilha por
dentro, e no fim de 3 dias lavar com
pedras até tirar a cal. Cava fundo, toma
nota, amigo camponês, e estruma as
terrás no creasante e no minguanite.



*Almanaque do
Camponez para 1973.
Capa. Notar a alteração
do tipo de letra usado
na composição do
Almanaque, comparando
com a reprodução
na página 4.
Tipografia Andrade.
Angra do Heroísmo.
MAH-BM-PER-84*

11

ALMANAQUE DO **CAMPONEZ**

REPERTÓRIO CRÍTICO, CÓMICO E PROGNÓSTICO
PARA 1973

56.º ANO DE PUBLICAÇÃO

FUNDADO POR

Manuel Joaquim de Andrade

Cavaleiro da Ordem de Mérito Agrícola e Industrial

O ALMANAQUE MAIS LIDO NOS AÇORES, MADEIRA E AMÉRICAS

Um mês leva o arado
E o outro o agulhado;
Assim se lava o serrado,
P'ra milho, trigo ou cevada.



É pobre o lavrador
Que lava o chão portugês,
Mas, se à terra tem amor,
Honrásce em ser camponez.

Composto e impresso na Tipografia Andrade
Angra do Heroísmo — Ilha Terceira — Açores

Preço 4800

Cuida a terra com carinho,
Com desvelo, devoção.
Ela te dará o vinho,
Frescos frutos, mel e pão!

*Almanaque do Camponez,
1957, p. 18*

Entre amigos:
— O Doutor descobriu o que
você tinha?
— Quase. Eu tinha 120 escudos
e ele cobrou-me 100.

*Almanaque do Camponez,
1978, p. 24*

**ALMA
NAQUE**

— DO —

**CAMPO
NEZ** (1818)
2017

**100
ANOS**

12

**Maxila (para aperto
e fixação final da
composição); Maxila
e chave. Ferro.
Tipografia Andrada.
Angra do Heroísmo.
MAHR20171034
MAHE20171035
MAHE20171036**

**Componedor.
Liga de cobre e ferro.
Tipografia Andrada.
Angra do Heroísmo.
MAHE20171033**

**Gancho (para facilitar o
desmanchar da composição
ou algum acerto).
Madeira e ferro.
Tipografia Andrada.
Angra do Heroísmo.
MAHR20171032**

**Banca de tipos da tipografia.
Madeira e metal.
Tipografia Andrada.
Angra do Heroísmo.
MAHR20171032**



O ZERO NÃO EXISTE!

Melhor teria sido escrever que o zero, em tempo cronológico, não existe.

Estas questões do tempo e do seu cálculo foram sempre interessantes, relevantes e complicadas porque, para se contar qualquer coisa, é necessário decidir-se um princípio e porque, a partir do momento em que se decide um princípio, o tempo decorrido já é tempo a contar.

Ao contrário, o zero é essencial em matemática e está na base do desenvolvimento da álgebra, mas percebê-lo implica entender os algarismos como qualquer coisa que vale por ela própria e não como auxiliar de contagem de vacas, moedas ou tempo. Implica um passo no sentido da capacidade de abstração que nunca os gregos antigos ou os romanos foram capazes de dar.

O zero não existia entre os romanos, de que herdámos o ábaco, aquela estrutura com vários grupos de bolinhas, enfiadas em arames, representando, conforme a fiada, as unidades, dezenas e centenas.

Foi entre os indus que o zero terá sido finalmente entendido como um número "de corpo inteiro", partindo da sua função posicional e, depois, no sentido da abstração. O caminho para o conhecimento das qualidades e funções do zero foi longo, na Europa, e deve-se muito aos escritos do estiloso árabe Muhammad Ibn Al-Kowārizmā, conhecido por Algorizmí no ocidente latino europeu que, no século IX, publicou dois livros, um sobre aritmética e outro sobre equações, que foram traduzidos para latim e circularam pela Europa, ao mesmo tempo que era difundido o uso dos carateres árabes.

Digamos que, para simplificar, o zero, naquilo que interessa aos nossos relógios, calendários e almaniques, é um momento sem tamanho nem distância, o que faz com que, por exemplo, o último ano do século XX da era cristã seja o ano 2000 e não 1999, porque só no último momento do ano de 2000, se pode dizer que existe, fiado pelas parcas do panteão grego antigo, todo o tempo necessário para ser completado o vigésimo século.

Prosseguindo o raciocínio, o momento imediato é já do século XXI e já está a ser devorado por Kronos, aquele deus implacável, também imaginado pelos gregos antigos, que começava a devorar os próprios filhos a partir do momento em que eles nasciam. (Será difícil encontrar analogia mais terrivelmente verdadeira).

Enfim, tudo isto é exposto aqui para que ninguém se espante com o facto de o centenário do CAMPONEZ se celebrar em 2017, quando o seu primeiro ano de publicação foi o agora longínquo 1918.

 Lua nova às 8 h. e 30 m. da tarde. Chuva molhada nécte quarto, é que nos dá o astrologo Quatro Rodas.

 Quarto crescente às 10 h. e 22 m. Temporal acompanhado de grossas bátegas de água, assim nos diz o astroólogo mestre Hilário Borboleta. Deve dar pela certa.

 Quarto menguante às 8 h. e 26 m. da tarde. O sabio astrologo Farfalle afirma que por estes dias haverá na junta jatal um eclipse total do precioso metal com que se compram os melões.

*Almanaque do Camponez,
1918, pp. 9 e 16*



Gravura para impressão tipográfica (Menina com guitarra). Madeira e metal.
Tipografia Andrade.
Angra do Heroísmo.
MAHR20171038



Gravura para impressão tipográfica (Cena de tourada da praça). Madeira e metal.
Tipografia Andrade.
Angra do Heroísmo.
MAHR20171037

Gravura para impressão tipográfica (Casa com alpendre). Madeira e metal.
Tipografia Andrade.
Angra do Heroísmo.
MAHR20171040



**Gravura para impressão
tipográfica (Presépio).**
Madeira e metal.
Tipografia Andrade.
Angra do Heroísmo.
MAHR20171041

**Gravura para impressão tipográfica
(Diploma da comunhão).**
Madeira e metal.
Tipografia Andrade.
Angra do Heroísmo.
MAHR20171044

**Gravura para impressão
tipográfica (Virgem e Menino
Jesus).** Madeira e metal.
Tipografia Andrade.
Angra do Heroísmo.
MAHR20171042



TÁBUA CRONOLÓGICA DAS PRINCIPAIS ERAS E DATAS

N. B.: Todas as datas são referidas ao calendário gregoriano, mandado elaborar pelo Papa Gregório XIII e estabelecido em 5 de outubro de 1582. Progressivamente adotado pelas diversas nações, sendo a contestação mais célebre a do Calendário Republicano Francês entre 22 de setembro de 1792 a 31 de dezembro de 1805 e 18 de março a 28 de maio de 1871, foi adotado a 14 de outubro de 1923 pelas nações que ainda usavam o juliano e, em 1 de janeiro de 1927, pelo governo turco de Ancara.

Sinais de incendio

ANGRA

Sé.....	7	badaladas
Conceição..	8	"
Santa Luzia	10	"
S. Pedro...	11	"
S. Bento...	12	"

FUNCHAL

Sé.....	8	badaladas
Socorro...	10	"
S. Pedro...	12	"
Santa Luzia	14	"
S. Martinho	16	"

HORTA

Matriz....	10	badaladas
Conceição..	15	"
Angustias..	23	"

PONTA DELGADA

Matriz....	10	badaladas
S. Pedro...	12	"
S. José....	14	"

TREVOS

Deliciosss quadras da dis-
tinta poesia açoreana
D. Alice Moderno.

O ano 2017, de acordo com o calendário gregoriano e dito da ERA VULGAR, que parte do Nascimento de Cristo, é o 17º do século XXI da mesma era e corresponde aos anos:

7526 da ERA BIZANTINA, que começa a 14 de setembro.

6730 do PERÍODO JULIANO, de Júlio Scaligero (1484-1558) sábio filósofo de Pádua, que abrange todos os tempos históricos, que começa a 14 de janeiro.

5778 da ERA ISRAELITA, que começa ao pôr-do-Sol, no dia 20 de setembro.

2793 das OLIMPÍADAS clássicas, que começa a 14 de setembro, segundo o uso bizantino.

2770 da FUNDAÇÃO DE ROMA "AB URBE CONDITA", segundo Marco Terêncio Varrão (116 aC - 27 aC), estudioso e amante de antiguidades, de expressão latina, que começa a 14 de janeiro.

2766 da ERA NABONASSAR, rei de Babilónia, que começa a 19 de abril.

2677 da ERA JAPONESA, ou 29 do período Hesei (que se seguiu ao período Xô-Uá), que começa a 1 de janeiro.

2329 da ERA GREGA, (ou dos Selêucidas) que começa, segundo os usos atuais dos sírios, no dia 14 de setembro ou no dia 14 de outubro, conforme os grupos religiosos.

2055 da ERA DE CÉSAR (ou hispânica), usada em Portugal até 1422, que começa a 14 de janeiro.

2017 do CALENDÁRIO JULIANO, estabelecido em 46 aC por Júlio César, que começa a 19 de dezembro.

1939 da ERA SAKA, no calendário indiano reformado, que começa no dia 22 de março.

1734 da ERA DE DIOCLECIANO, que começa a 11 de setembro.

1439 da ERA ISLÂMICA (ou Hégira), data da retirada de Maomé de Meca para Medina, em 622 dC), que começa ao pôr-do-Sol de 21 de setembro.

519 da ERA GÂMICA, proposta pelo historiador Arnold Joseph Toynbee (1889-1975).

525 da Fundação, em Angra, do Hospital de Santo Espírito.

525 da Chegada de Colombo às Antilhas.

517 da Chegada de Álvares Cabral ao Brasil.

483 da elevação de Angra a primeira cidade dos Açores e da criação da Diocese de Angra.

436 da Batalha da Salga.

434 da Batalha da Baía das Mós.

375 da rendição dos espanhóis, cercados na fortaleza de São João Baptista do Monte Brasil.

251 da criação da Capitania Geral dos Açores.

189 da proclamação liberal de 22 de junho.

176 da "segunda caída da Praia da Vitória".

68 da fundação do Museu de Angra do Heroísmo.

43 da "Revolução dos Cravos".

41 da institucionalização da Região Autónoma dos Açores.

37 do Terramoto que destruiu Angra, a Terceira e parte de S. Jorge e Graciosa.

100 da fundação do ALMANAQUE DO CAMPONEZ.

• MEL

O mel é um presente da Natureza que os homens devem agradecer.

Um dos melhores remédios enselhos, não tão apreciado quanto merece, é o mel.

Se todos pensassem na utilidade de comer mel, este sapido alimento per-se-ia em todos os meses.

O mel é alimento e é antiseptico porque evita a formação de fungos e bactérias; absorve os humores superfluos, estimula a digestão, erga e fortifica o peito, os pulmões e tempre os nervos.

Nas feridas, nas inflamações pustulosas, nas contusões, nas supurações, o mel misturado com farinha é um óptimo e seguro agente que também pode servir para auxiliar o amadurecimento dos farinzeiros e ebéssos.

O mel é também recomendado nas neuralgias ou dores de origem nervosa.

Tomando ao dente 2 ou 5 colheres de mel, ter-se-á um sono tranquillo.

O mel é uma comida ideal para as crianças, sendo um alimento vitamínico por excelência e o único sonífero que lhes não faz dano.

ALMA_

NAQUE

— DO —

CAMPO
NEZ

(1918)

(2017)

100
ANOS

18

Placa com conjunto de gravuras para impressão tipográfica, executadas à mão, e livro *Eira de Pecados*. Madeira e papel. Livraria Editora Andrade. Angra do Heroísmo. 1941.

A Livraria Andrade foi das primeiras, senão a primeira, nos Açores, a avançar para a impressão a cores das capas dos livros ali editados.

MAHR 20171045



VERDE DECO

NEGATIVOS

GRAVURA EM MADEIRA

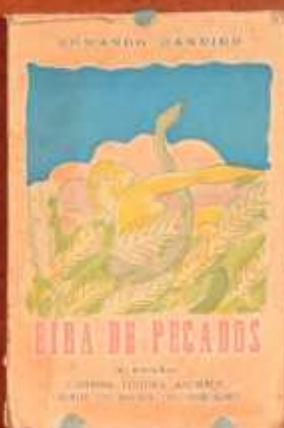
Executada

por José Vieira da Costa

Desenho

de Maduro Dias

1941



VERDE ESCURO



CINZENTO



AMARELO



VERDE CLARO



LILÁZ



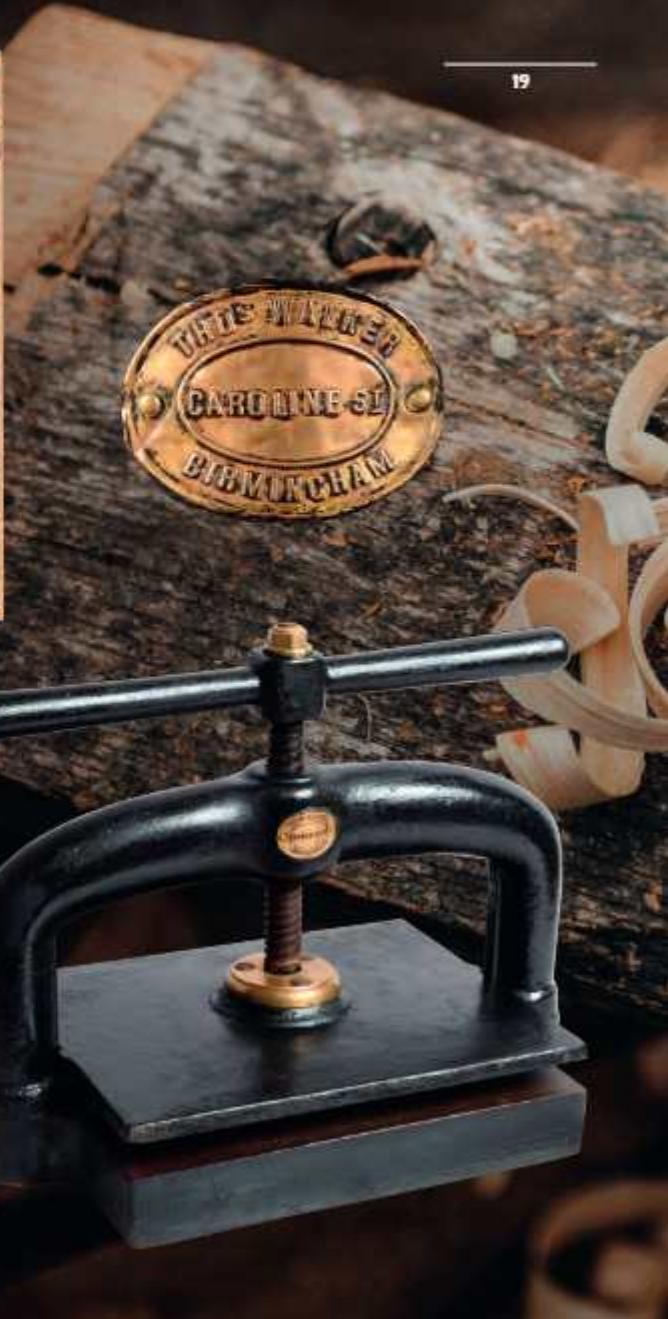
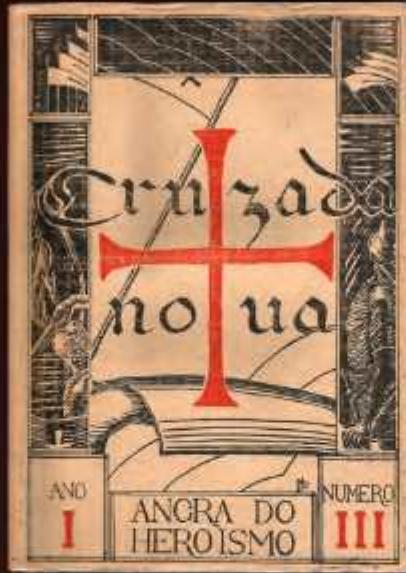
AZUL

Gravura para impressão
tipográfica da capa da
revista *Cruzada Nova*.
Livraria Editora Andrade.
Segunda década do séc. XX.
MAHR 20171046

Cruzada Nova. Capa. Provavelmente uma das primeiras experiências de impressão a cores, nos Açores, numa época em que os quadricromos eram mandados realizar a Lisboa. Angra do Heroísmo.
Segunda década do séc. XX.
Col. Particular

Presse manual.
Ferro a bronze.
Birmingham.
Inícios do séc. XX.
MAHR 20171047

19



INSECTOS E LAGARTAS DAS ÁRVORES

Para evitar que os insectos penetrem nas árvores, polvilhem-se quando estiverem molhadas pela neblina ou pela chuva, com uma mistura composta por 450 gr. de cal viva, 50 gr. de sal comum e 50 gr. de fuligem decomposta.

Destroem-se as lagartas molhando as árvores com água de sabão, ou na qual se tenha dissolvido alguma potassa.

Almanaque do Camponez,
2001, p.14

Praço manual. Ferro fundido.
Tipografia Andrade.
Angra do Heroísmo.
Primeira metade do séc. XX.
MAHR20171048



As iscas, são bom alimento

Um dos pratos antigos que conta ainda grande número de consumidores é o de iscas de fígado, com ou sem «cetas» (batatas).

Com efeito, o fígado não pode considerar-se carne, nem tem na alimentação as longeças inerentes à carne. O fígado é uma glândula com uma ação fisiológica importantíssima e complexa, possivelmente com segredos ainda desconhecidos. Na alimentação ele tem também funções de formação.

O dr. Etiore Santangelo, num estudo que fez sobre o valor alimentar e terapêutico do fígado, atribui a este órgão a composição seguinte: 70 % de água; 20 % de substâncias proteicas; 5,6 % de gorduras; 1,5 % de glicogénio e 1 % de sais minerais.

Não é a composição química do fígado coisa que impressione, pela sua riqueza; porém, o que muitos ignoram é que quem come fígado faz uma verdadeira opoterapia.

«Quem come fígado de vitelo — escreve o dr. Santangelo — cura o seu próprio fígado, cura os seus intestinos, regenera o próprio sangue, e desinfecta prontamente o seu organismo. Poderia-mos provar, com detalhes supreendentes, cada uma destas quatro ações, mas isso demoraria muito. Bastará que diga que o fígado dos animais de talho é muito procurado pelos Institutos de Fisiologia e de Farmácia, para a preparação de extractos que se aplicam depois no campo científico.

Um exemplo: uma criança de 10 anos, atingida por uma enteite de

origem desconhecida, rebeldes a qualquer cura, estava num adiantado estado de miséria orgânica e considerada perdida. Praticaram sobre ela injeções subcutâneas de extrato de fígado, concentrado, e cessaram os distúrbios e o criança recobrou saúde e curou-se completamente. E não falo das austeridades graves que também edificam a este extrato que constitui a base de muitos preparados reconstituintes.

Devemos, portanto, todos aqueles que vivem nos campos em regiões pouco saudáveis e especialmente os que sofrem ou sofram de secas, comer fígado, de preferência fígado de vitelo.

Mas tenhamos cuidado com o cozinhado. Para não destruirmos no fígado as cetas hormonais que ele carrega para o nosso organismo, será preciso não o fritar ou cozer quase até à torrefação ou a deliquescência. Bastará parar quando ele deixe de se apresentar em sanguineo e possa ser comido sem repugnância ou sem sabor a era.

— Venho de acompanhar ao cemitério o pobre Antônio. Morreu enquanto dormia.

— Ah! sim? Então nem ele sabe que já morreu.

Antes do saldo do marido para a repartição, a esposa acode, solidinha, com um café:

— Como está muito frio, tomo isto para aquecerme.

— Não, por forma alguma. Era capaz de me tirar o sono... e eu queria dormir tranqüillo.

Pedal a pedal. Farro fumidido.
"Golding Punch". Tipografia Andrade.
Angra do Heroísmo.
Primeira metade do séc. XX.
MAHR20171049

21



MODO DE DESTRUIR ÓS CARACÓIS

Polvilhe-se o chão nas hortas ou nos lugares em que andam com cal viva, que os caracóis a atraem a si com a humidade viscosa que têm, os matam.

*Almanaque do Camponez,
2001, p. 14*

INHAME

O inhame é uma das plantas que fornecem alimento dos mais apreciáveis em substância útil ao organismo humano, e é bem conhecido um produto que dele se retira para as doenças do peito.

O solo para a cultura do inhame deve ser rico em matérias orgânicas, além de profundo, porque as suas raízes tuberosas penetrarão mais ou menos profundamente no chão. Não quer isto dizer que o solo deva ser pesado, a modo dos argilosos; mas, pelo contrário, deve ser solto.

Os terrenos baixos, de terra escura, meio alagadiços, drenados, nas beiras de corregos, são os melhores lugares para a cultura do inhame. A variedade conhecida como inhame japonês ou chinês não se dá bem nesses terrenos baixos; esta deve ser plantada em terra enxuta e bem esterçada.

*Almanaque do Camponez,
2014, p. 4*

Pralo de gravura. Ferro.
Tipografia Andrade.
Angra do Heroísmo.
Primeira metade do séc. XX.
MAHR20171050

Curtimento e conservação das azeitonas

Colhem-se as azeitonas, quando chearem ao seu completo desenvolvimento, mas ainda em estado verde, escolhem-se e lançam-se numa lixivia de potassa para se infiltrarem no líquido até ao caroço num espaço de 24 horas, findas as quais abre-se uma azeitona e estando bem trespassada do líquido, tiram-se e deixam-se em água fresca que se renova duas vezes por dia durante cinco dias. Em seguida põe-se em salmoura composta por: sal, coentro, louro, cravo da Índia, noz-moscada e canela, tudo bem moido. Desfaz-se tudo dando uma fervura por poucos minutos; depois deixa-se arrefecer e coa-se.

As azeitonas são postas em frascos de vidro ou outras vasilhas bem limpas com a salmoura e água fresca metade de cada. No fim de quinze dias já se podem comer as azeitonas que se conservam assim por um ano ou mais.

Almanaque do Camponez,
2004, p. 8



(e pág. seguinte)

Juízo do Ano para 1918.
Almanaque do Camponês,
primeiro ano de publicação.
Livraria Editora Andrade.
Angra do Heroísmo.
Col. Particular.

JUIZO DO ANO



23

Não é tão fácil, como parece à primeira vista, a missão de um astrólogo encarregado de fazer as observações precisas, para informar com verdade os leitores do almanaque, daquilo que haverá acontecer num ano como o de 1918, que de mais a mais principia e acaba á terça-feira, um dia aziago como seis centos diabos.

Um ano que começa e finda á terça-feira é assim como quem diz um saco cheio de velharia, salvo seja, e faz suar as estopinhas áquele que se mete nas altas cavalarias de lhe analizar as manhas. Mas como a nossa vontade em servir bem o camponês que compra tão útil repertório está acima de tudo e de todas as massadas, não nos poupámos a trabalhos e investigações astronomicas para descortinar todos os segredos que o famoso 1918 traz encapuchados no bojo.

O caso é, que auxiliados por Deus e pelos nossos grandes conhecimentos em todos os ramos da astronomia, conseguimos ver tudo, como em livro aberto, o que nos reserva o futuro ano que se aproxima de nós.

1918 é um ano pouco mais ou menos como os outros que já passaram à história, em que há de tudo como na botica : cousas boas e cousas más, e cousas nem boas nem más, assim... assim... como quem não quer a cousa.

Começando pelas boas podemos afiançar que haverá muito trigo, milho e feijão, abóbora-menina e uva de cheiro, mas como não há bela sem senão, o lavrador ver-se-há enrascado com a falta de vasilhame.

De tantas cousas más que nos promete o ano novo, a mais grave é uma doença que atacará a abóbora germônia pelo pé, não escapando uma só que seja, nem para uma mésinha ; portanto o homem previdente que assambarcar as abóboras germônias do ano passado, vendê-las-há como canela.

Centeio, cevada e fava haverá só o suficiente para consumo da freguesia e todo aquele que já se está apropinquando para exportar a fava pode tirar o cavalo da chuva que não arranja a sua vida por este meio.

Pelo que respeita à catadura do tempo as nossas observações são claríssimas : O Inverno será aspero e trovejado e cada qual sentirá o frio conforme a roupa boa ou má que tiver.

A Primavera má e rabujenta assim uma espécie de sogra de cabelinho na venta.

O Verão será quentíssimo, pondo-nos as banhas quase em torresmos, sendo da máxima conveniência a aplicação de pirolitos e água das Lombadas.

O Outono menos assanhado que as outras estações, encher-nos-há de santas consolações.

Em 1918 haverão as eleições da *cambra*, junta e deputados.

Na forma do costume o camponês receberá a honrosa visita dos *senhores* da cidade e terá a suprema alegria de ver a sua mão, calejada pelo trabalho, apertada com força pela mão enluvada do cacique.

Braço por cima, sorriso nos lábios, festinhas ás crianças e promessas a rôdo.

Ao eleitor da cidade os *senhores* prometerão que o lavrador vai ser obrigado por um decreto a vender o trigo a cinco tostões e o milho a onze vintens o alqueire.

Ao eleitor do campo, ao lavrador, os mesmos *senhores*, de sorriso protector, afirmarão que Zé da cidade se quiser comer pão alvo que o hade comprar a 17 tostões ou então que estoire de fome, etc. e tal.

Duas horas depois das eleições, isto é, quando os papelinhos já estiverem na urna..... quem és tu, ó coisa ?

Ora já se vê que todos os nossos vaticínios podem ser assim ou de outra forma peior. O homem põe e Deus dispõe e o melhor é irmos vendo o que acontece e esperando pelo que hâde vir. Levantemos os olhos ao céu e digamos cheios de esperança

Deus super omnia.

EXPOSIÇÃO SALA DO CAPÍTULO
MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO

ALMANAQUE — DO — CAMPONEZ

01 MAI : 03 SET

100 ANOS (1918-2018)

* Os textos, fotografias e outros elementos contidos nesta publicação estão protegidos pela lei, ao abrigo do Código dos Direitos de Autor e direitos conexos. É interdita a cópia, reprodução, difusão e utilização comercial dos mesmos sem autorização expressa dos proprietários, com exceção do direito de citações definido na lei.

Obras editadas por Manuel Joaquim de Andrade

Leve apreciação

Todos os trabalhos literários editados por Manuel Joaquim de Andrade merecem o mesmo louvor, visto não ser destituído de bom-senso a opinião de que não há livro nenhum que não tenha algo de útil.

Mas há livros que se impõem de tal maneira ao leitor, que o fazê-lhe jus, é uma obrigação, mas obrigação que não finda.

Assim, olhando o passado, encontramos, entre as edições Andrade, obras do mais alto conceito, quer pelo estilo, quer pelo que de grandioso elas encerram.

Eis, ao acaso, algumas dessas obras, a que o nome de Manuel Joaquim de Andrade andará sempre ligado.

Canto Matinal, versos pelo Professor Doutor Vitorino Nemésio, que os escreveu quando tinha quinze anos. *A Profissão de Advogado. Notícia Histórica da Advocacia em Portugal. Um Tradutor Açoreano de Horácio* (José Augusto Cabral de Melo e Silva), e outras, em que se manifesta, opulentamente, o talento do Dr. Luís da Silva Ribeiro. *O Beato Frei Nuno de Santa Maria e O Inditoso D. António Prior do Crato*, da autoria do Padre A. Alberto Gonçalves. *O Milhafre*, do Dr. Armando Cortes-Rodrigues. *A Vila da Prata há 300 anos* e outras, de Gervásio Lima. *Prosas Soltas*, de Raimundo Belo. *O Castelo de S. João Baptista*, do Capitão Spinola de Melo. *Dez sonetinhos de enlèvo* e outras,

de Maduro Dias. *Primavera nas Ilhas*, de Hugo Rocha. *Do meu viver*, de Maria do Céu. *Eira de pecados*, do Dr. Armando Cândido. *José Augusto dos Santos*, do Tenente-Coronel José Agostinho. *A Crise do Ideal na Arte*, do Dr. Manuel António Ferreira Deusdado. *Espirais de Fumo*, do Dr. Oliveira San-Bento ..

Nas obras indicadas, e noutras que aqui não vêm, por não termos intenção de para aqui trazê-las todas, mas simplesmente focar algumas como a falar aqueles que gostam de livros, em nomes notáveis que deixaram obras de subido valor, não só na maneira de expor, mas também pelo que desejavam dizer.

De tudo se encontra nestes livros, onde se fala de arte, ciência e história, e tudo firmado por alguns dos maiores valores contemporâneos.

Joaquim Guilherme.

Cala-te, cala-te por favor,
Não me fales em ansiedade ...
Não me fales do nosso amor,
Não acentues a saudade.

Que tu não sabes, sei eu,
Só eu sei, mas ninguém.
Que esse sorriso teu
Pra minha alma é um bem.

Por me teres no coração,
Tens-me prezo no teu peito.
Vê bem que tens nessa prisão,
Quem sempre bem te tem feito.

Funchal

M. A. C. C.

Ínsula Divina

SOCIEDADE TERCEIRENSE DE TURISMO, Lda.

TURISMO

VIAGENS

INFORMAÇÕES

ESPECTÁCULOS

Para as vossas viagens nos Açores preferi sempre o «Navio-Motor»

TERRA ALTA

o maior, o mais rápido e que melhores acomodações possui.

Para a vossa estadia em Angra preferi a Pensão Central

a melhor e a mais bem situada da Cidade.

Para espectáculos Teatrais ou de Cinema preferi sempre o TEATRO ANGRENSE, o maior e melhor dos Açores e que está apetrechado com a mais alta aparelhagem sonora — PHILIPS P F 6 .De Luxe».

Para espectáculos de cinema, ao ar livre, preferi sempre o SÃO JOÃO CINE.

Para espectáculos de cinema sonoro ambulante possui aparelhagens PHILIPS, RCA e Holmes.

Para espectáculos tauromáquicos, a PRAÇA DE TOUROS DE SÃO JOÃO, a única existente nos Açores.

SEDE - Rua de Lisboa, N.º 76-78

Caixa Postal, 21 = Telefone N.º 110

Endereço Telegráfico = EMPRESARIO

ANGRA DO HEROÍSMO - ILHA TERCEIRA



9 789726 473404



ALMA
NAQUE
— DO —
**CAMPO
NEZ** (1918)
2017

100
ANOS

Museu de Angra do Heroísmo
MAH

Governo dos Açores
SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Direcção Regional da Cultura